



## PODER

# Janela indica definição do jogo das urnas

Políticos de olho no pleito de outubro têm até dia 1º para buscar novo partido e se apresentar para uma função pública

» TAÍSA MEDEIROS

Quando a janela partidária se fechar em 1º de abril — depois de ter sido aberta no último dia 3 —, o eleitor terá um quadro um pouco mais claro de como as legendas estarão articuladas para as eleições de outubro. Nem tudo estará ajustado, pois ainda estará sendo jogado o xadrez das federações, cujo prazo foi estendido pelo Tribunal Superior Eleitoral até 31 de maio. Porém já haverá um afunilamento. Isso porque, a legislação eleitoral determina que até 2 de abril aqueles que pretendem disputar o pleito devem deixar o cargo que ocupam seis meses antes.

A união desses fatores promete fortes emoções, com cenas de jogo de cintura, pressões, reclamações, traições e muito cálculo político. Um dos protagonistas dessas movimentações é o PL do presidente Jair Bolsonaro: fontes da legenda estimam que a bancada no Congresso, hoje com 42 deputados e seis senadores, possa chegar, só na Câmara, a 70 integrantes. “Só do PSL sairão mais de 25. Seremos o maior partido brasileiro”, prevê, otimista, o deputado federal Bibi Nunes (RS), vice-líder da legenda na Casa.

Para reforçar o PL, há a possibilidade de que 11 ministros deixem os cargos até o dia 2 para prepararem as campanhas legislativas. Pelo menos um confirmou a escolha do partido como destino: o titular do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, Marcos Pontes, que tentará uma cadeira de deputado federal por São Paulo.

Já o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, que está sendo empurrado por

Bolsonaro para a disputa do governo paulista, também indicou a filiação ao PL — que tem capilaridade e recursos para investir pesadamente numa eleição que interessa diretamente ao Palácio do Planalto. “O Tarcísio vai para um embate forte em São Paulo. Acredito, aliás, que a maioria dos ministros tenha chances de eleição”, aposta Nunes.

Vitor Oliveira, cientista político e sócio da Pulso Público, lembra que “o PL tem alguns problemas. É o partido de um candidato à Presidência, ou seja, tem que comprometer recursos com isso. Sobre menos dinheiro para a campanha dos deputados. Para alguns parlamentares, é confortável estar no PL, porque é um partido que permite várias opções”, avalia.

### Olho do furacão

Outro partido que também está no olho do furacão da janela partidária é o PSD. Isso porque o governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB-RS) surge como possível substituto do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) na corrida presidencial. Caso realmente aceite o ingresso na legenda de Gilberto Kassab, tem tudo para reforçar-la com parlamentares tucanos em busca de um novo ninho em que possam ter mais chances de se eleger.

O cientista político Valdir Pucci, porém, crê que Leite permanecerá no PSDB. “Ele tem uma história dentro do partido, concorreu às prévias presidenciais e a saída enfraqueceria o partido. Ele entenderá que será melhor concorrer à reeleição”, acredita. Nos bastidores do PSDB, o cálculo é que 10 parlamentares aproveitarão a janela partidária — e devem

correr na direção de legendas que compõem o Centrão devido ao apoio que dão ao governo.

No União Brasil, nascido da fusão do PSL e do DEM, se prevê uma diáspora de deputados e senadores, todos de alguma forma ligados a Bolsonaro. O caminho preferencial é a troca por PL, PP e PTB, legendas que compõem o Centrão, que sustenta o governo na Câmara.

As coisas devem se agitar também no Podemos, que irá com Sergio Moro ao Palácio do Planalto. Pelo menos dois deputados, Diego Garcia (PR) e José Medeiros (MT), aliados de Bolsonaro, devem deixar a legenda por incompatibilidade com o ex-juiz da Operação Lava-Jato.

Na esquerda, as movimentações são menos estrondosas. Segundo fontes de PT, PSB, PSol, PDT, PV e Rede, o foco tem sido mais na formação da federação partidária — um complicador, pois poucas são as legendas menores dispostas a ficarem atreladas às maiores até 2024, sendo que há uma disputa municipal no meio em que cidades-chaves são disputadas.

Para Vitor Oliveira, é necessário observar os diferentes impactos que esse período de trocas provocará nas legendas. “A janela é uma tábua de salvação para alguns parlamentares que não querem pagar para ver. No campo da direita, é muito mais uma questão de abrir espaço para candidaturas nos estados, nos municípios e obter recursos eleitorais. Na esquerda, é sobrevivência: nos partidos pequenos, quem sobrou é quem acredita no partido. A federação acaba sendo mais importante”, explica. (Colaborou Fabio Grecchi)

## Calendário eleitoral

Confira os principais eventos deste ano até a posse dos candidatos eleitos, marcada para 1º de janeiro de 2023.



O que	Quando	Como funciona
Janela partidária	Entre 3 de março e 1º de abril	Período em que deputadas e deputados federais, estaduais e distritais podem trocar de partido sem perder o mandato.
Renúncia de cargos	Data-limite em 2 de abril	Limite para aqueles que pretendem concorrer a outros cargos em 2022, diferentes do que exercem, renunciarem aos mandatos.
Formação de coligações	Data-limite em 5 de abril	A direção nacional do partido ou da federação deve publicar, no Diário Oficial da União (DOU), as normas para a formação de coligações nas eleições majoritárias, 180 dias antes das eleições.
Financiamento coletivo	15 de maio	Pré-candidatos poderão iniciar a campanha de arrecadação de recursos via financiamento coletivo.
Fundo Eleitoral	1º de junho	Prazo final para que partidos comuniquem ao TSE a renúncia ao Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC).
Convenções partidárias e registros de candidatura	Entre 20 de julho e 5 de agosto	Realização de convenções partidárias para definir coligações e escolher candidatos à Presidência da República e aos governos de estado, bem como aos cargos de senador, deputado federal, estadual e distrital. Legendas, federações e coligações têm até 15 de agosto para solicitar o registro de candidatura dos escolhidos. Todos os pedidos de registro aos cargos de presidente e vice-presidente devem ser julgados pelo TSE até 12 de setembro.
Início das propagandas eleitorais	16 de agosto	A realização de comícios, distribuição de material gráfico, caminhadas ou propagandas na internet passa a ser permitida.
Primeiro turno da eleição	02 de outubro	A votação começará às 8h e terminará às 17h, quando serão impressos os boletins de urna. Em 2022, a hora de início da votação será uniformizada pelo horário de Brasília em todos os estados e no Distrito Federal.
Eventual segundo turno	30 de outubro	O segundo turno ocorre quando nenhum dos candidatos obtém 50% mais um dos votos válidos. Lembrando que ele só ocorre para os cargos majoritários de governador e presidente.
Datas de diplomação e posse	Data-limite em 19 de dezembro	Eleitos serão diplomados pela Justiça Eleitoral.
Posse de presidente, vice-presidente da República e de governadores	1º de janeiro de 2023	Ocorre a posse para os cargos de presidente e vice-presidente da República, bem como de governador. Parlamentares assumem os mandatos em 1º de fevereiro do próximo ano.

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

## NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

# Um único homem poderia impedir a guerra

Jean Jaurés (1859-1914) foi um dos mais destacados pacifistas de seu tempo. Professor de filosofia em Tolosa, tentou conciliar o idealismo e o marxismo. Era um liberal radical que se tornou socialista, integrando a ala direita do Partido Socialista Francês. Em 1897, com Zola e Clemenceau, liderou a campanha em favor de Alfred Dreyfus, o capitão francês injustamente acusado de espionagem pelo alto comando do Exército francês.

Grande orador, lutou contra o militarismo e sempre defendeu a aproximação entre a França e a Alemanha para garantir a paz na Europa. Foi assassinado no dia da declaração da guerra, 31 de julho de 1914, por Raoul Villain, um nacionalista fanático. Foi o principal líder da II Internacional a defender a paz. Todos os demais apoiaram a entrada dos seus países na guerra, a começar pelos dirigentes da poderosa Social-Democracia Alemã, que estava no poder. Com exceção de Vladimir Lênin, que defendeu a paz para derrubar a autocracia e, depois, tomar a Rússia de assalto, na Revolução de Outubro.

A I Guerra Mundial, que durou de 1914 a 1918, foi uma tragédia em todos os sentidos. A fusão do capital financeiro

com o capitalismo industrial, na virada para século XX, possibilitou notável expansão territorial das potências europeias em direção à Ásia, África e Oceania. A Inglaterra incorporou aos seus domínios, entre outros países, a Índia e a Austrália. A Alemanha havia se unificado com a Prússia — numa guerra com a França, tomara posse da Alsácia-Lorena, riquíssima em minérios e em franca industrialização. O sentimento de revanche na França era forte e aumentou quando Otto Von Bismarck, grande artífice da unificação alemã, formou a Tríplice Aliança com Áustria-Hungria e Itália.

Ameaçada, a França se aliou ao Império Russo, czarista, em 1894. Temendo a perda de territórios e bloqueios econômicos, a Inglaterra formou com ambos a Tríplice Entente. Na região dos Balcãs, a Rússia estimulava a criação da Grande Sérvia, enquanto a Áustria-Hungria se aproveitava da fragilidade do Império Turco-Otomano para expandir seu pangermanismo. Em 1908, a região da Bósnia-Herzegovina foi anexada pela Áustria-Hungria. A Alemanha pretendia ligar Berlim a Bagdá, por ferrovia, pela península balcânica.

## A EXPANSÃO DA OTAN RUMO AO LESTE E OS RESSENTIMENTOS DA RÚSSIA DE PUTIN RESULTARAM NA INVASÃO À UCRÂNIA

O estopim da guerra foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, em 28 de janeiro de 1914, em Sarajevo, capital da Bósnia, por um militante da organização terrorista Mão Negra, formada por nacionalistas eslavos. As alianças de Áustria e Sérvia entraram em ação. Ao longo da guerra, o uso de novas armas, como o gás tóxico, e de invenções como o avião e os tanques aumentou a tragédia.

Em 1917, a Rússia se retiraria da guerra arruinada e os bolcheviques tomariam o poder, com apoio de soldados e marinheiros amotinados. Nesse mesmo ano, os Estados Unidos entraram na guerra ao lado da Inglaterra e da França. Em 1918, a Alemanha seria derrotada — o Império Austro-Húngaro se desintegraria no ano seguinte. O Tratado

de Versalhes impôs sanções duríssimas à Alemanha, que cedeu territórios e indenizou os vencedores, principalmente a França. Morreram 8 milhões de pessoas, das quais 1,8 milhão só de alemães.

### Fim da História

Tudo o que viria a acontecer seria desdobramento da I Guerra, sobretudo a II Guerra. Na Europa, o racha da social-democracia entre socialistas e comunistas, após a derrota do nazifascismo, em 1945, em meio à Guerra Fria, resultaria no “socialismo real” dos países da Cortina de Ferro e no Estado de bem-estar social dos países do Ocidente europeu. O colapso da União Soviética poderia ter resultado numa Casa Comum Europeia, como propunha Mikhail Gorbachev, mas não foi o que aconteceu. A

continua expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em direção ao leste e os ressentimentos da Rússia, liderada por Vladimir Putin, agora resultaram na brutal invasão à Ucrânia e no ressurgimento da Guerra Fria.

Em 1989, Francis Fukuyama publicou o artigo “O Fim da História?”, na revista *The National Interest*, segundo o qual a dissolução da URSS e, conseqüentemente, o fim da Guerra Fria, eram a vitória do ideal da democracia ocidental sobre o mundo. O liberalismo e a democracia seriam os eixos de um “Estado homogêneo universal”. Os conflitos políticos que vinham dos séculos imemoriais não existiriam mais a partir daquele momento. O neoliberalismo conseguira resolver esse problema.

Essa tese está sendo posta à prova na guerra da Ucrânia, a nova marcha da insensatez. Um único homem poderia evitá-la: Putin, se não houvesse invadido o país vizinho; o presidente dos EUA, Joe Biden, se tivesse contido a expansão da Otan; e o presidente Volodymyr Zelensky, que poderia ter negociado para a Ucrânia entrar na União Europeia e ficar fora da Otan. A pergunta é: como acabar com essa guerra?